

ROTINA DE MULHERES QUE TRABALHAM COM CONFECÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

MARIANA PATRÍCIA DE LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

NÁDIA AVELINO DE CARVALHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

DENISE CLEMENTINO DE SOUZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

ROTINA DE MULHERES QUE TRABALHAM COM CONFEÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, todo o mundo sofreu e ainda sofre os impactos causados pelo novo coronavírus (covid-19) - causador de uma pandemia iniciada por volta de dezembro 2019 e decretado fim pela Organização Mundial de Saúde (OMS) somente em maio de 2023. Essa epidemia mundial resultou em restrições e mudanças significativas em várias áreas e setores econômicos, incluindo fábricas, estabelecimentos comerciais, instituições de ensino e residências, que tiveram que se adaptar rapidamente às medidas para conter o contágio (Bernardes; Silva; Lima, 2020).

O Agreste Pernambucano, região conhecida pela produção e comercialização de vestuário a preços acessíveis que abriga as tradicionais feiras de confecção e grandes centros de compras como o Parque das Feiras em Toritama, o Polo de Caruaru, o Moda Center Santa Cruz e o Calçadão Miguel Arraes em Santa Cruz do Capibaribe, também foi impactada e esteve com suas atividades suspensas por um longo período. Essa região destaca-se pela forte presença da mão de obra feminina, com mulheres desempenhando um papel central na produção e comercialização de peças de vestuário (Bezerra, 2012; Milanês, 2015; Espírito Santo, 2012).

Neste contexto atípico da pandemia, as rotinas das pessoas foram completamente reconfiguradas devido à necessidade de isolamento social, obrigando muitas a se afastarem de seus locais de trabalho presencial, exceto os(as) trabalhadores(as) em funções essenciais, como saúde, alimentação e combustíveis (Costa, 2021). As medidas restritivas provocaram mudanças não apenas nas relações de trabalho, com a implementação do trabalho remoto domiciliar, mas também nas dinâmicas familiares (Lemos; Barbosa; Monzato, 2021).

Os lares foram transformados em espaços multifuncionais, combinando ambientes de convivência familiar com locais de trabalho (Bitarães; Teodoro, 2022). Ao abordar o lar, ressalta-se a persistente divisão sexual do trabalho presente nesse espaço. Onde frequentemente, a responsabilidade pelo cuidado com o lar e familiares recai sobre as mulheres, que são muitas vezes encarregadas de realizar as atividades de limpeza, organização do espaço e preparo das refeições. Além disso, elas muitas das vezes são as únicas responsáveis pela educação dos(as) filhos(as) e o cuidado dos idosos (Hirata; Kergoat, 2007).

Nesse panorama, busca-se compreender as transformações que ocorreram na rotina e trambalho das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19. Questiona-se como ficou a rotina das mulheres da confecção durante esse período de emergência sanitária, quais mudanças que houveram no ambiente doméstico, nas responsabilidades já lhe eram atribuídas como os cuidados com o lar, e no trabalho produtivo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Pandemia da covid-19 e as transformações sociais

A pandemia da covid-19 teve início no final do ano de 2019, mas somente em março de 2020 a OMS reconheceu o contexto como uma pandemia. Isso ocorre quando uma doença está presente em todos os continentes do planeta e pode ser adquirida entre as pessoas (Lima; Buss; Paes-Sousa, 2020). Com a adoção das medidas de restrições na busca de diminuir o contágio, impostas pelos governos ao redor do mundo, que envolveu o distanciamento social, isolamento social e fechamento de fábricas, estabelecimentos comerciais, instituições de ensino, a medida

resultou em queda no faturamento em diversos setores, como: educação, turismo, economia criativa, moda e beleza (Bernardes; Silva; Lima, 2020).

Notou-se com as medidas restritivas mudanças nas relações entre trabalho e família, na qual profissionais e familiares, ao buscaram se adaptar à nova realidade, que envolveu trabalhos domésticos intensificado devido à ausência dos serviços habitualmente contratados; escolas e universidades passaram a ter o conteúdo ministrado através de plataformas digitais exigindo maior disciplina do estudante; os encontros sociais e as atividades físicas passaram a ser feitos à distância (Lemos; Barbosa; Monzato, 2021).

Logo, a obrigatoriedade do isolamento social em casa levou as pessoas a mudarem suas formas de fazer as coisas cotidianas, como estudar, adquirirem produtos e serviços e explorar novas opções de entretenimento através do meio remoto, a internet (Rezende *et al.*, 2020). Nesse difícil cenário, homens e mulheres sentiram de forma distinta os impactos causados pelas medidas contra o contágio.

Enquanto muitas mulheres tiveram a possibilidade de trabalhar em *home office*, dentro do seu próprio lar e em companhia dos(as) filhos(as), sentiram a pressão em conciliar as responsabilidades profissionais, voltadas para o trabalho anteriormente realizado em outro ambiente com as tradicionais atividades domésticas, que previamente era realizada por elas próprias ou terceiros (Zanello *et al.*, 2022), ou seja, possivelmente uma doméstica ou diarista ou até familiar que lhe auxiliava.

Assim, as mulheres sentiam-se impedidas de serem protagonistas dos seus trabalhos no confinamento que as mantinham dentro das suas residências, vivenciando os dissabores do ser mulher e mãe (Macêdo, 2020). Por outro lado, a maioria dos homens não sentiram impacto nesse mesmo quesito, visto que as atividades de cuidado, família e lar são atribuídas ainda hoje em sua maioria a figura feminina (Zanello *et al.*, 2022; Macêdo, 2020)

Ciente que nem todas as mulheres tiveram o privilégio de permanecer isoladas e trabalhando dentro das suas casas, aquelas cuja necessidade de sustento falava mais alto precisaram sair de suas residências e trabalhar, mesmo correndo o risco de contaminação própria e de suas famílias (Zanello *et al.*, 2022).

Essas transformações profundas também afetaram diversos aspectos da sociedade, incluindo políticas, economia, cultura, modelos de negócios, produção, consumo e relações interpessoais. A desaceleração econômica levou muitas empresas a reduzir suas operações ou suspendê-las completamente, devido às restrições sanitárias, impactando o comportamento dos consumidores e a estratégia de mercado das empresas (Silva *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, novos hábitos de consumo emergiram, com o *e-commerce* e a internet se tornando fundamentais para a sobrevivência e operação das empresas, garantindo que seus produtos alcançassem os consumidores finais de maneira eficaz (Silva *et al.*, 2021).

2.2 Agreste das confecções e as mulheres no trabalho local

No Agreste pernambucano das confecções, destaca-se a participação intensa das mulheres no setor produtivo, contrastando com a entrada gradual dos homens. Inicialmente, enfrentando preconceitos quanto ao trabalho com costura, os homens agora representam uma parcela significativa no mercado (Milanês, 2015; Espírito Santo, 2012). Esse setor caracteriza-se pelo trabalho domiciliar, predominantemente realizado por mulheres, permitindo conciliar atividades remuneradas com as domésticas (Bezerra, 2012; Souza; Lima; Lima, 2023). As habilidades necessárias são adquiridas através da coletividade e formação de gênero no lar, alinhadas com as expectativas tradicionais de “prendas domésticas” e “educação para o lar” (Araújo; Amorim, 2002; Nunes; Campos, 2006).

A rotina exaustiva das costureiras envolve jornadas longas, frequentemente de até 12 horas diárias, combinadas com os afazeres domésticos e, em períodos de alta demanda, trabalho

aos finais de semana (Neves; Pedrosa, 2007). Apesar das condições precárias e da falta de direitos trabalhistas, o trabalho em casa é realizado por muitas mulheres (Araújo; Amorim, 2002), pois esse arranjo informal facilita a conciliação de papéis, mas também dificulta a fiscalização e proteção contra possíveis abusos (Pereira; Prado; Linke, 2021).

O processo de confecção na região, é facilitado pelo fato de constituírem partes do processo produtivo intensivos em mão-de-obra, que faz uso de equipamentos simples, possibilita transporte e a terceirização. Além disso, as habilidades necessárias à execução das tarefas são na maior parte adquiridas pelas mulheres através do processo de coletividade e de formação de gênero no próprio lar na qual são direcionadas (Araújo; Amorim, 2002). Visto que o trabalho com a costura está alinhado com outras atividades, no contexto das “prendas domésticas” que fazem parte da criação das mulheres e que combinam com a “educação para o lar” na qual são socialmente conduzidas (Nunes; Campos, 2006).

As mulheres acompanham as novas formas de designação e necessidades de satisfação pessoal que vão surgindo no decorrer das suas vidas, como a necessidade material de se transformar a fim de ter maiores recompensas monetárias (Losada; Rocha- Coutinho, 2007). A rotina de trabalho das costureiras é exaustiva, envolve uma média de 12 horas por dia ou enquanto aguentar. Este trabalho produtivo ainda é alternado com os afazeres domésticos e, nas épocas de maior produção, trabalham nos finais de semana (Neves; Pedrosa, 2007).

Os contratos informais, o pagamento por peças produzidas, a contratação temporária em períodos de maior demanda e outros procedimentos que bem configuram a chamada precarização nas relações de trabalho são, portanto, tacitamente aceitas pelas trabalhadoras no setor, sendo até consideradas vantajosas em virtude das condições socioculturais que articulam trabalho doméstico e trabalho domiciliar (Nunes; Campos, 2006).

Mesmo diante das condições de trabalho, da instabilidade e falta de direitos trabalhistas, as mulheres ainda são direcionadas pelo trabalho em casa (Araújo; Amorim, 2002). O trabalho realizado dentro do seu lar ou nas facções, dificulta a fiscalização e avaliação da qualidade laboral, bem como da identificação e extinção de possíveis abusos sofridos pela mulher neste ambiente (Pereira; Prado; Linke, 2021).

Destaca-se que as mulheres que são mães e esposas, o trabalho remunerado no espaço público (fora de casa), torna-se um impedimento para que elas exerçam seus outros papéis de maneira plena. Assim, o trabalho no próprio domicílio possibilita a inserção dessas mulheres e costureiras no mundo do trabalho remunerado (Bezerra, 2011; Souza; Lima; Lima, 2023). Logo, o trabalho formal, realizado dentro de grandes indústrias de confecção, torna-se improvável de ser assumido por muitas mulheres que precisam conciliar suas responsabilidades com filhos, marido e lar.

Outra característica importante a ser relatada sobre o mercado de confecções do Agreste diz respeito ao baixo nível de escolaridade dos(as) trabalhadores(as) e o saber prático compartilhado através das gerações (Souza, *et al.*, 2020; Martins, Sá, Souza, 2020).

Alguns fatos que levaram a entrada dos homens no setor de produção de confecções é a ausência de cargos em outros setores geralmente ocupados pelo gênero masculino, como também ao fato da remuneração monetária na costura ser superior ao ganho em outras atividades na mesma região, além do desemprego. Apesar da remuneração ser calculada por peças produzidas, o que faz com que os homens tenham um maior rendimento. Dessa maneira, as mulheres acabam, recebendo uma remuneração menor do que seus colegas do sexo masculino, por terem que dividir o seu tempo com outros afazeres (Bezerra, Cortelleti, Araújo, 2021).

3. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O estudo adotou uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva, buscando identificar e caracterizar fenômenos a partir da interpretação e comparação dos dados (CRESWELL; CRESWELL, 2021). O *locus* deste estudo é o Calçadão Miguel Arraes de Alencar, localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no agreste do estado de Pernambuco.

A estrutura do centro de compras é recente, oriunda do desenvolvimento da confecção em Santa Cruz do Capibaribe e diversas transformações estruturais ocorrida no município, como o desenvolvimento e crescimento da feira de rua, na qual foi necessário seu deslocamento do centro da cidade para o ambiente mais amplo, surgindo então o Moda Center Santa Cruz, espaço privado e estruturado. Contudo, os(as) comerciantes que não conseguiram comprar lojas ou box no empreendimento se alojaram ao fundo criando a conhecida Feira do Poeirão, que posteriormente e com recursos do Governo do Estado se transformou no atual Calçadão Miguel Arraes (Lima; Carvalho; Souza, 2021; Souza, 2022).

A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas para permitir discussões detalhadas dos temas abordados (Boni; Quaresma, 2005). As entrevistas foram realizadas em agosto de 2023 e abrangeram categorias como: perfil das entrevistadas, perfil do negócio e rotina de trabalho durante e após a pandemia. Participaram 15 mulheres abordadas aleatoriamente que tinham box no centro de compra, priorizando aquelas disponíveis no momento.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas utilizando a técnica de análise de narrativa, seguindo as etapas de explicação, explanação e exploração (Czarniawska, 2000). Um desafio significativo foi a indisponibilidade das mulheres devido às suas responsabilidades no local de trabalho, limitando o número e maior profundidade das entrevistas.

Aspectos éticos e legais foram considerados, garantindo o anonimato das participantes e a voluntariedade da participação. As entrevistas foram conduzidas com o consentimento prévio das participantes, utilizando termos codificados (E1, E2, E3 etc.) para manter a confidencialidade.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Perfil das entrevistadas do calçadão Miguel Arraes de Alencar

Das 15 mulheres entrevistadas, 5 têm 29 anos, 7 estão na faixa dos 30 anos e 3 têm 40 anos ou mais. Em relação à raça, 7 se declararam pardas, 6 brancas, e 2 negras. Quanto ao estado civil, 8 são solteiras, 5 casadas e 2 separadas.

Quanto à escolaridade, 2 não completaram o Ensino Fundamental, 6 têm o Ensino Médio completo, 2 ingressaram na faculdade, mas não concluíram e 5 finalizaram o Ensino Superior, com 2 dessas possuindo pós-graduação. Este aumento na escolaridade contrasta com estudos anteriores que indicavam baixo nível educacional entre trabalhadores do setor.

A maioria das entrevistadas (10) reside em Santa Cruz do Capibaribe, conhecida pela produção de confecções. As outras moram em municípios de Pernambuco, como Brejo da Madre de Deus e Frei Miguelinho. Das entrevistadas, 12 são mães, com 8 tendo um(a) filho(a), 3 com dois(as) filhos(as) e 1 com três filhos(as). 10 dessas mães têm filhos(as) menores de 18 anos.

Sobre o tempo de trabalho na confecção, 7 trabalham no setor há menos de 3 anos, tendo ingressado durante ou após a pandemia. Outras 5 têm entre 4 e 9 anos de experiência e 3 têm 10 anos ou mais no setor, indicando que já estavam na área antes da pandemia.

4.2 Mudanças que ocorreram na rotina de trabalho das mulheres durante e após a pandemia de covid-19

Com o aumento de casos de covid-19 no Brasil em 2020, vários setores da economia foram atingidos pela suspensão de suas atividades, inclusive o de confecção do Agreste Pernambucano. A Assembleia Legislativa de Pernambuco (ALEPE) decretou medidas preventivas que impactaram diretamente na vida das mulheres que comercializam seus produtos na feira do Calçadão Miguel Arraes em Santa Cruz do Capibaribe.

Investigando as possíveis mudanças, provocadas na rotina dessas mulheres durante esse período delicado, notou-se inicialmente a presença de sentimentos/sensações de incerteza, estresse e insatisfação com tudo que vinha ocorrendo, especialmente diante da proibição sobre o trabalho presencial nas feiras, que afetou tanto o emocional, quanto no modo de trabalho e renda individual e/ou familiar.

A questão emocional foi notada na fala das entrevistadas E1, E5, E7 e E10, que citam respectivamente a incerteza, insatisfação, medo e estresse. A entrevista 1 menciona que *“No começo foi bem complicado, porque a gente [feirantes] ficou numa incerteza, né? Aí fechou tudo, o comércio, aí a gente que não vendia muito online, vendia mais presencial”*, evidenciando sua insegurança e as consequências da paralisação do trabalho, as vendas presenciais que era o forte do seu negócio.

O medo e a incerteza sobre o futuro do seu trabalho foram pontos marcantes nas falas das entrevistas, a E7 em especial relatou como se sentiu durante esse período:

Fiquei bastante abalada, além da questão de não estar trabalhando, a questão do medo da doença e muita incerteza, né? A questão de como a gente ia viver ser trabalhar, né? Quanto tempo ia durar tudo aquilo? Foi muito difícil. E7

Assim, o novo cenário exigiu das mulheres uma adaptação/inação sobre seu trabalho, ampliando seus olhares para novas formas de vendas que poderia surgir com as redes sociais, mas apenas 7 das 15 entrevistas (E1, E4, E6, E8, E10 e E13), relataram aproveitar o momento difícil e de afastamento da feira presencial para adentrar ou intensificar a presença de seus produtos através das vendas online nas redes sociais. Fazendo deste meio uma ferramenta importante para enfrentamento do período delicado, principalmente no quesito econômico como fala a entrevista 8: *“A gente não podia vir para cá [Calçadão], não podia sair para vender e também não podia sair para entregar, então ficou só nas vendas online, fazia a venda online e entregava em alguns pontos de coleta”*. Esse foi o meio encontrado por muitas para seguir trabalhando e lucrando durante a pandemia. Essa realidade também é apresentada por Zanello *et al.* (2022), quando mostra a situação de alguns trabalhadores que para manterem o sustento da família, não conseguiram se isolar e tiveram que sair de suas casas para trabalhar.

A pandemia trouxe diversos prejuízos para a vida das pessoas, de modo especial, impactando a renda individual e familiar das mulheres do Calçadão. Apesar do misto de sentimentos de medo e incerteza, outras resolveram arriscar e se reinventar criando trabalho/comércio que permitisse a aquisição de renda para a família e amenizar os impactos provocados pelo isolamento social.

Durante a pandemia, parte das mulheres conseguiram reinventar e expandir os negócios já existentes, vendo na nova situação uma maneira de crescer e o tornar seu empreendimento mais conhecido, como conta o depoimento de uma das entrevistadas.

Quando a pandemia chegou a gente estava bem no início da confecção, então, estava bem parado, a gente tentando conseguir freguês e na pandemia foi onde a gente cresceu, a empresa de um *boom* de vendas e tal, pelo menos financeiramente foi legal. E6

Mostrando uma realidade divergente, Bernardes, Silva e Lima (2020) relata a baixa de 77% no faturamento do setor têxtil e de confecção.

Apesar das diversas histórias de superação e reinvenção, boa parte das entrevistadas relatam a dificuldade de manter seus negócios ou até mesmo de iniciar um negócio novo, como menciona a entrevistada 13: *“Infelizmente não tinha como, é porque eu só trabalho com isso, aí como fechou, não tinha outra possibilidade da gente fazer outra coisa”*.

Podemos observar ainda no relato das confeccionistas que não conseguiram manter seus negócios ativos no início, mas que ao decorrer do tempo e com a ajuda de pessoas próximas, reergueram-se dando um exemplo de superação.

Não, não tinha como, por que eu estava começando, aí não tinha cliente online, essas coisas, estava bem no começo, bem no começo mesmo, então foi bem difícil, depois com alguns meses na frente que a gente começou com a parte da tecnologia, essa minha cunhada vendia online e ela vendeu pra mim, aí comecei a vender através dos clientes dela. E7

Esse relato corrobora com o depoimento de outras entrevistadas que trabalham a mais tempo no Calçadão, mas que não exploravam o ambiente digital para desenvolver seu negócio: *“Busquei sim, no começo não. Mas depois eu busquei [inicie] a fazer as vendas online”* E4. O uso do meio digital, como uma forma de driblar os efeitos da pandemia, trouxe muitos ensinamentos para as entrevistadas que são mantidos até os dias atuais, *“O comércio online, as as vendas online começaram na pandemia e hoje elas permanecem, elas continuam”* E1. Evidenciando uma popularização na região das redes sociais como *Facebook, Instagram e WhatsApp*, as vendas online se somam às vendas presenciais que retornaram após a pandemia. Estudo realizado por Silva *et al.* (2021) traz essa adaptação das vendas presenciais para o online no período da pandemia e mostra o quão fundamental foi o uso dessa ferramenta no comércio em geral.

Quanto a rotina das mulheres do Calçadão durante a pandemia, notou-se uma variação que envolve uma intensa jornada de trabalho para aquelas que mantiveram suas atividades comerciais através das redes sociais; e uma ausência para aquelas que por algum motivo não adentraram nesse meio e foram obrigadas a parar por logo período de tempo sua produção, ficando sem desenvolver atividades produtivas. Zanello *et al.*, (2022) ainda alerta ao difícil cenário onde homens e mulheres sentiram de forma diferentes, onde muitas tiveram a possibilidade de vender *online* e trabalhar dentro do seu próprio lar, conciliando com as tradicionais atividades domésticas.

As que adentram no mercado digital receberam uma série de novas demandas para realizar, evidenciando uma rotina intensa e produtiva de trabalho, isso trabalhado em casa, dentre as diversas tarefas/responsabilidade estava *“organizar catálogo e tal, tem que ir na loja de pano, porque assim, a gente resolvia tudo online”* E6.

As que não aderiram a nova forma de comércio, tiveram suas atividades profissionais completamente paralisadas enquanto o Calçadão estava fechado, como como apontou a entrevistada E12 *“Foi só ficar em casa mesmo, cuidar da casa, tenho uma criança, durante a pandemia eu não costurava, não fazia nada”*. Essas mulheres ficaram entre 1 ano e 1 ano e 6 meses sem trabalhar, até que ocorresse o retorno presencial e seguro do trabalho no Calçadão.

Nesses achados houveram 8 mulheres que paralisaram por completo suas atividades (E2, E3, E4, E5, E7, E9, E12 e E15) e 6 que paralisaram parcialmente por um período mais curto, de 2 a 6 meses (E1, E6, E8, E10, E13 e E14). A entrevistada E6 relata como foi esse processo:

No início, a gente ficou 3 meses, depois começou essa questão de abrir o Moda Center, aí a gente vinha fazer a entrega. Os ônibus vinham e ficavam estacionados aqui de frente ao Moda Center, no estacionamento interno, a gente formava filas e ia despachando os pacotes e eles entregavam o comprovante de recebimento. E6

Com as diminuições das restrições, e abertura gradual dos empreendimentos, foi possível ocorrer o retorno das atividades comerciais do Calçadão, permitindo às mulheres voltarem aos seus postos de trabalho presencialmente, que são os boxes/bancos da feira localizado no Calçadão. Esse momento foi visto por grande parte das entrevistadas como algo tão delicado quanto o afastamento tido no início da pandemia.

O retorno e as questões envolvidas nele, foram diferentes para aquelas que paralisaram suas vendas e produção totalmente para aquelas que paralisaram parcialmente (por um tempo) e em seguida adentraram ao mercado online.

É possível notar a questão de reconquistar os clientes como uma dificuldade enfrentada por aquelas que paralisaram por completo suas atividades durante a pandemia, como foi o caso da entrevistada 14 quando relata “*O maior desafio, eu acho que é estabelecer contato com os clientes novamente, ter os tempos de voltar, né? Que foi o tempo parado*”. Em decorrência do tempo que as mulheres pararam de vender, seus clientes que por sinal não pararam de comprar, buscaram outros fornecedores de confecção.

As questões emocionais que se fizeram presente no início da pandemia reaparecem quando houve o retorno das atividades presenciais e o sentimento medo é destaque nesse retorno:

O mais difícil foi retomar, voltar a trabalhar com o presencial, por conta do medo, das contaminações, a gente que trabalha com o público em geral, tinha gente do Brasil todo, às vezes até de fora, aí a gente tinha contato com muita gente, o Brasil inteiro visita e vem aqui. Aí quando a gente volta, você fica com medo de ser contaminado por a quantidade de gente que circula, aqui é um polo comercial, aqui circula gente do Brasil todo, então o fluxo de vírus vem de todos os lugares. E1

Além do sentimento do medo, do como seria a nova maneira de viver a vida e o receio em se contaminar, as mulheres também tiveram que lidar com as incertezas sobre diversas questões profissionais e/ou pessoais, como é relatado pela entrevistada 8:

O fato da gente poder voltar às nossas atividades normais, o fato de você reconstruir sua mente depois da pandemia, antes da pandemia você tem uma visão e hoje depois da pandemia você tem outra, financeiramente, questões de trabalho, questões pessoais, em afeto, tudo [mudou]. E8

Ao longo das entrevistas é possível notar que as mulheres que trabalham com confecção no Calçadão, enfrentam o desafio de conciliar as mais diversas atividades, como: cuidar dos filhos, arrumar a casa, produzir as peças, cozinhar, entre tantas outras dentro de um único espaço de tempo, ou seja, não separam um tempo específico para realizar uma determinada tarefa. Essa situação já foi apontada em estudos anteriores à pandemia (Souza; Lima; Lima, 2023), e os resultados expostos nesta pesquisa reforçam os achados que falam das múltiplas tarefas realizadas pelas mulheres ao decorrer do dia. A entrevistada 12 relata isso ao afirmar que:

É bem corrido meu trabalho, porque assim, porque quando eu faço, digamos assim, quando é de manhã eu vou levar a minha menina na escola, quando chego vou costurar e já coloco o almoço no fogo, aí a gente também mora no sítio, aí a gente tem gado, porco, galinha aí também tem que dividir o tempo para isso, tem queijo é bem corrido. Não posso nem te dizer que é metade e metade, porque sei nem como é que fica não, é tudo junto. E12

As mulheres sobrecarregam ainda mais, porque além de produzirem e venderem as confecções, ainda trabalham com outras atividades que geram renda para a família como no caso da entrevistada E12, que além do trabalho com confecção, ainda trabalha com a pecuária, criando alguns animais. O estudo de Bezerra (2012), evidencia a realidade vivenciada por muitas mulheres que trabalham na confecção e são envolvidas pela sobrecarga do trabalho com a responsabilidade pela fabricação e vendas das peças e os cuidados com o lar realizado especialmente por elas, o que se assemelha aos nossos achados.

A rotina conturbada confirma a dupla jornada de trabalho, que pode até se tornar uma múltipla jornada, onde a pausa para o descanso praticamente inexistente “24 horas, 24 horas por dois [trabalhos, com a casa e a costura], não consigo separar não, todo o momento eu tô fazendo os dois” E3 e “É tudo junto, a gente não separa não porque a gente é dona de casa e trabalha lá [em casa] que tem a facção” E9. Essa rotina de vários afazeres sobrecarrega as mulheres, como aponta Zanella *et al.* (2022) em sua pesquisa.

Questionadas sobre se receberam algum tipo de contribuição ou colaboração no trabalho que fazem tanto na costura quanto no lar, a grande maioria das mulheres afirmou que não têm ajuda, seja de um companheiro, membro familiar ou um colaborador(a) externo quando se trata do trabalho produtivo e doméstico. Porém, uma minoria declarou receber ajuda de colaboradores(as) quando se trata da produção das peças e ajuda do companheiro ou um membro familiar nos trabalhos domésticos, como evidencia a entrevista 7: “Meu marido, principalmente da minha família”. Esse apoio por parte da família vem de parentes próximos, como irmãos(ãs), pais ou primos(as). A situação confirma o que Bezerra, Cortelleti e Araújo (2021) evidenciam, informando que o companheiro ajuda nas tarefas, mas não se responsabiliza totalmente.

4.3 Impactos causados às mulheres durante a pandemia de covid-19 e que ainda persistem no trabalho produtivo e reprodutivo no pós-pandemia

No que se diz respeito a perdas e prejuízos, um aspecto que ganhou muita visibilidade e gerou uma grande preocupação, foi a questão financeira durante a pandemia, a entrevistada 1 relata que enfrentou um período difícil: “Chegou contas a atrasar, a gente fica num desespero muito grande”. Com as mudanças que enfrentadas pela sociedade, a população tendo que se isolar em suas casas, muitos comércios e empresas no geral adotando o trabalho de *home office* ou chegando a fechar as portas, já era possível visualizar os impactos financeiros. Esse fato colabora para os achados de Rezende *et al.* (2020), que aponta essa adaptação das atividades presenciais para o online.

Levando em conta que a circulação de dinheiro depende do trabalho da população e o mesmo foi fortemente impactado pela pandemia da covid-19, principalmente pela necessidade da medida restritiva em que fez a população se isolar trazendo consequências como a redução de salários, perda de investimento, redução no valor faturado da empresa entre outras situações como conta a entrevistada 3 “O prejuízo financeiro, né? Quem trabalhava investindo perdeu muita coisa, quem trabalhava no CLT [carteira assinada] teve que parar, reduzir salário”. Vivenciando situações como essa que levaram algumas mulheres a tomar atitudes drásticas e terem que escolher entre gastar o dinheiro que ainda tinham na compra do necessário para a sobrevivência e/ou pagar as contas, como a entrevistada 11 afirmou “aí atrasamos as contas, os cartões e mais depois a gente se recuperou”.

Um marco na recuperação financeira das mulheres que trabalham com confecção foi a reabertura do estacionamento do Moda Center. O fato foi motivo por alegria e muita comemoração, pois as mulheres viram ali uma esperança de retorno aos tempos “normais” e a retomada das vendas presenciais, com isso voltarem a ter um fluxo de caixa efetivo, que conseqüentemente tirariam elas do aperto financeiro.

Na pandemia, só no começo, nos dois primeiros meses assim deu aquela parada mesmo, aí a gente não tinha de onde tirar, o Calçadão fechado, aí quando o Moda center começou a abrir só para fazer as entregas, aí foi onde a gente começou a vender mesmo e a ter um fluxo de dinheiro, mas acho que nos dois primeiros meses foi zerado assim, não entrava só saía, aliás, só saía não entrava. E13

Quando a renda vinda da confecção não era suficiente para garantir o bem estar das mulheres que trabalham no Calçadão, elas precisaram recorrer a pessoas próximas como o companheiro e os pais, que tinham uma fonte de renda que não dependia da confecção, para garantir o próprio sustento financeiro e conseguir se manter do básico, como conta: *“Meu marido trabalhava, mas também ficou parado, a gente ficou praticamente vivendo do salário dele e o auxílio que eu tirava”* E7. O auxílio financeiro em questão, foi um programa do governo federal para reduzir as perdas financeiras das famílias.

Pode-se observar ainda a ação adotada por quem tinha uma reserva financeira. As mulheres que tinham essa reserva usaram o dinheiro guardado no período de isolamento social para manterem seus gastos e de sua família, como menciona a entrevista 1.

Queira ou que não queira, se você tinha uma renda guardada pra alguma necessidade, você a usou na pandemia e não conseguiu repor, então você tá trabalhando para vê se consegue respirar um pouco melhor na parte financeira, ela tá, a gente ainda vai empurrar um bom tempo.

Um outro impacto apontado pelas entrevistadas foi o psicológico, gerado a partir do isolamento social e todas as suas consequências, negativas geradas por ela, como a perda de parentes e entes queridos pelo covid-19 que abalou o emocional das pessoas que vivenciaram essa situação de perto com uma pessoa próxima. Além da angústia pela perda, essas mulheres lidam com o sentimento de incapacidade, ao ver seus entes queridos internados, com dificuldades para respirar e, o que era uma pessoa saudável, de repente morrendo com uma nova doença. A entrevistada 7 conta que o maior prejuízo foi a perda da mãe: *“Um outro prejuízo foi a perda da minha mãe, porque esse aí não tem valor, financeiro não se compara”* E7.

A entrevistada 3 conta que ninguém teve a mesma vida de antes no pós-pandemia: *“Além dos prejuízos psicológicos, eu acho que depois da pandemia não teve ninguém que viveu normal, ninguém vive mais normal”*.

A vida das mulheres que trabalham com confecção passou por uma forte mudança, acostumadas com a rotina movimentada e em constante contato com muitas pessoas, de uma hora para outra se viram dentro de suas casas, convivendo apenas com os demais moradores da residência e sem visita. A entrevistada 13 conta que *“O maior desafio foi ficar em casa, ficar em casa sem vê a família, sem vê ninguém, vendo só pelo celular, fazendo só vídeo chamada, acho que o maior desafio foi esse e não saber o que iria acontecer”*. A necessidade de ter que ficar em casa, de acordo com Macêdo (2020) mostrou que as mulheres perderam a sensação de serem protagonistas nos seus trabalhos na confecção.

Essas mudanças fizeram as mulheres perceberem a importância e sentirem falta das pequenas atividades que passavam despercebidas na correria do dia, como viajar, comprar, levar os(as) filhos(as) na escola, ir ao Calçadão trabalhar, como a entrevistada 15 relatou, esse recolhimento foi desafiador *“O maior desafio mesmo, foi querer viajar com o meu filho e não poder, que não é uma coisa que seja demais, né? Somente, tem a questão que eu gosto de trabalhar, aí ficar em casa não é bom não”*. As mulheres passaram a sentir falta da rotina atribulada de tarefas. Um dos motivos que as levam a trabalhar no setor de confecção é justamente poder ter vários tipos de recompensas, em especial, a monetária. Como aponta

Losada, Rocha-Coutinho (2007), esse tipo de recompensa faz com que as mulheres realizem sonhos.

Durante o período de isolamento social as mulheres passaram a dedicar mais tempo ou até mesmo ser a única responsável por realizar atividades domésticas e de cuidado com os outros moradores, por exemplo, com seus/suas filhos(as). A entrevistada 12 conta que “*A minha rotina durante a pandemia foi só ficar em casa mesmo, cuidar da casa, tenho uma criança, durante a pandemia eu não costurava, não fazia nada*”, nesse relato é perceptível que as mulheres tiveram que se dedicar integralmente às atividades de cuidado, seja, casa ou pessoas do convívio. O tempo dedicado aos cuidados com as demais pessoas da família equivalia ao tempo gasto na confecção. Neves e Pedrosa (2007) conta que as mulheres chegavam a usar 12h por dia para o trabalho na confecção.

No período de isolamento social alguns clientes dessas mulheres não as localizaram no meio online, conheceram outros vendedores, o que fez as vendas caírem consideravelmente, como conta a entrevistada 5 ao relatar que “*Assim, falando hoje no meu caso, tá parecido, porque assim tá franco as coisas, assim dá para se manter, mas não vende quanto antes da pandemia*”. Com as vendas em baixa, essas mulheres buscam manter as vendas online, trabalhando virtual e presencialmente, para manterem seus negócios de pé e gerarem renda para suas famílias, porém, não deixam de sentir um certo desânimo no recomeço.

Outro ponto de dificuldade no período pós-pandemia que é relatado pelas entrevistadas é o aumento do preço da matéria-prima para confecção e de outros produtos como alimentos e material de higiene, após o retorno completo das atividades comerciais, como aponta a entrevista 1:

O pior foi o aumento das coisas, as coisas começaram a aumentar muito, pela falta de trabalho nos locais, então, aumentou de tudo, aumentou demais o preço das coisas, aí já vinha com uma dificuldade de vendas, aí paralisou tudo, aí quando juntou virou uma bola de neve que a gente ainda tá tentando sair dela.

Esse aumento no preço dos materiais usados para produzirem as peças teve que ser repassado para o produto final, esse acréscimo no valor do produto é tido como o ponto chave para as vendas terem diminuído, os compradores estariam em busca de preços bem baixos.

Quadro 1. Impactos da pandemia na vida das mulheres que trabalham no Calçadão Miguel Arraes de Alencar

ASPECTOS IMPACTADOS	IMPACTOS
FINANCEIRO	<ul style="list-style-type: none"> • Redução de renda • Atraso de contas • Cortar gastos e reduzir despesas • Contar com ajuda de terceiros • Usar reserva financeira • Recuperação e aumento de renda
PSICOLÓGICO	<ul style="list-style-type: none"> • Muitas mudanças • Misto de sentimentos negativos (medo, incerteza, ansiedade, angústia etc.) • Perda de familiares e amigos • Isolamento social
SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Isolamento social • Perda de clientes • Novas formas de trabalho • Novas maneira de se relacionar

Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da pesquisa (2023).

Como toda experiência tem dois lados, tanto positivo como também o negativo, com a pandemia não foi diferente, a mesma serviu como aprendizado a respeito das mais diversas questões e temas, sejam elas físicas, emocionais, financeiras, empreendedoras, entre tantas outras, como a entrevistada 9 conta *“No meu psicológico, mas financeiramente não, entendeu? No meu psicológico melhorou demais, eu sou outra pessoa, a gente aprendeu com isso daí, entendeu? Mas no meu psicológico melhorou, mas em questão financeira não”*. Com vários conhecimentos na bagagem para serem levados na vida e com uma visão diferente do modo de viver e do ambiente onde se está, alguns pontos considerados positivos pelas mulheres que trabalham com confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar se mantêm até os dias de hoje.

A relação com a família, a importância de conviver bem e em harmonia com o núcleo familiar é um ponto considerado positivo, fazendo com que as mulheres levem esse aprendizado e o coloque em prática nos dias atuais buscando relações mais empáticas e saudáveis, além da preocupação em manter um contato estreito com as pessoas especiais:

Positivo? Não sei dizer se foi positivo, porque foi mais desgraça, mas eu acho que o tempo em família, sabe? Reflexão, tipo tempo de você fazer uma autoanálise do seu trabalho, planejar melhor, trouxe essa vantagem, de está mais próximo da família, de se planejar mais, acho que teve essa visão aí. E2

As mulheres que trabalham com confecção usam a mente para reconstruir e se erguem novamente, a entrevistada 8 conta que *“O fato de você reconstruir sua mente depois da pandemia, antes da pandemia você tem uma visão e hoje depois da pandemia você tem outra, financeiramente, questões de trabalho, questões pessoais, em afeto, tudo”*. A mudança de mentalidade fez as mulheres verem a vida com outros olhos.

Os pontos negativos foram quanto perdas de entes queridos em decorrência da doença covid-19 como conta a entrevistada 4 *“eu também perdi parentes”*. Além do sentimento de perda provocado pela morte precoce de familiares e amigos próximos, as mulheres trazem para os dias de hoje um abalo emocional muito grande devido a mistura de sentimentos como a entrevistada 14 relata *“Foi um pouco difícil, né? Para tudo mundo, mas, mas nem sei mulher como foi [fala emocionada] foi um misto de sentimento, sem saber como ia ser, como é que ia ficar, se o comércio ia voltar novamente como era antes”*.

A pandemia mostrou as mulheres que trabalham com confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar que elas são fortes. A entrevistada 12 afirma que, outras mulheres também compartilham do mesmo sentimento dela, que é o sentimento de conquista por terem passado por essa experiência e ainda estarem nos dias de hoje em pé: *“Acho, com certeza, que não só para a minha, mas para de muitos, que a vida não pode parar, que infelizmente as pessoas que perderam vão ter que continuar, a vida não para”* E12. A pandemia despertou nelas um sentimento de perseverança que irá acompanhá-las por muito tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou analisar as transformações que ocorreram na rotina e trabalho das mulheres que produzem e vendem confecções no Calçadão Miguel Arraes de Alencar na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE durante e após o período de isolamento da pandemia do covid-19.

Foram diversas as mudanças e os impactos que a pandemia da covid-19 causou na vida das mulheres que trabalham com confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar destaca-se: o financeiro, social e psicológico, que foram fortemente abalados e que trazem marcas das mudanças até os dias de hoje e que prometem durar muitos anos. Com o fechamento do comércio, as mulheres proprietárias de boxes no centro de compras que foi campo para a

realização da pesquisa, responderam de diferentes formas ao fechamento do seu ponto de venda, uma parte paralisou a produção e comercialização por completo ocasionando perda de renda e uma outra parte buscou adentrar no meio online usando as redes sociais para comercializarem suas peças, mantendo seu trabalho e fonte de renda, inclusive citam terem obtido maiores faturamentos.

As questões psicológicas que envolvem sentimentos e sensações de medo da contaminação e incertezas (ansiedade) quanto ao futuro se fizeram presente na vida das mulheres, desde o início da pandemia, como também durante a diminuição das medidas de restrições, que envolveram a volta das atividades comerciais no centro de compras e as demais atividades presenciais que as mulheres participavam antes da pandemia.

No que diz respeito à rotina doméstica, observa-se que, as mulheres que já apresentam uma rotina de trabalho intensa e repleta de afazeres, a maior parte dessas atividades são desenvolvidas no próprio lar. As mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia, continuaram desenvolvendo as atividades produtivas em suas casas e seguiam repletas de trabalho. Já as que paralisaram suas atividades, seguiram dedicadas ao trabalho doméstico.

Ressalta-se que as mulheres que produziram também realizavam as tarefas de casa, acumulando várias funções e algumas contava com ajuda de outras pessoas para realizá-las, como por exemplo mãe e marido, mas essas pessoas nunca tinham a total responsabilidade com os afazeres domésticos, ficando uma função única da mulher.

Apesar dos passos lentos, nota-se uma busca insistente das mulheres em se recuperar da fase de pandemia, no que diz respeito à rotina, ao trabalho e a questões pessoais e até mesmo financeiras que foram impactadas durante essa difícil fase.

A respeito do desenvolvimento de pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do locus de pesquisa, contemplando também as mulheres proprietárias de negócios de confecções que se fazem presentes nos municípios de Caruaru e Toritama, locais de grande importância para região do Agreste. É possível ampliar a análise, ao englobar os homens proprietários de negócios de confecções, trazendo uma comparativa entre as mudanças e impactos experimentados por eles e pelas mulheres. As mudanças nas configurações familiares ocorreram durante a pandemia, como funcionou o conceito família. Pode-se estudar se a rotina dessas mulheres durante a pandemia seria a mesma se fossem ou não mães.

Por fim, o presente trabalho também evidencia o uso e o avanço do mercado online para comercializar produtos das confecções, novas pesquisas podem surgir nesse sentido, avaliando de modo mais profundo as mudanças que essa nova ferramenta provoca na região do Agreste, que tipicamente é conhecida pelas feiras presenciais. Vale a pena explorar a inclusão digital que ocorreu com essas mulheres.

A pesquisa contribui com os estudos voltados para o Agreste das Confecções, dando visibilidade ao trabalho das mulheres e o contexto de pandemia, gerando avanço na literatura. Ao mesmo tempo fornece informações que podem ser utilizada por órgãos públicos e privados para elaboração de programas de apoio às mulheres proprietárias de boxes do Calçadão Miguel Arraes de Alencar contemplando até mesmo outros proprietários de pequenos negócios presente no Agreste das Confecções que ainda estão se recuperando da difícil fase da pandemia, fornecendo apoio de profissionais qualificados que possam ajudar a minimizar e superar os prejuízos adquiridos.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, J. R.; SILVA, B. L. S.; LIMA, T. C. F. Os impactos financeiros da Covid- 19 nos negócios. **Revista da FAESF**, v. 4, 2020.
- BEZERRA, E.; CORTELETTI, R.; ARAÚJO, I. M. Relações de trabalho e desigualdades de gênero na indústria têxtil e de confecções do Nordeste. **Caderno CRH**, v. 33, 2021.

BEZERRA, E. M. E os agrestes se unem: relação de trabalho e gênero no Pólo de Confecções do Agreste de Pernambuco e no Cariri paraibano. In: **XV Ciso Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais**, 2012, Teresina. Anais do 15º Ciso. V. 1. 2012.

BEZERRA, E. M. **O trabalho a domicílio das mulheres do cariri paraibano no pólo de confecções do agreste de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, p.147, 2011.

BITARÃES, A. C. O; TEODORO, M. C. M. Mulheres e Pandemia: A insustentabilidade produtiva, reprodutiva e ecológica do modelo atual. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 106–123, 2022. DOI: 10.14393/RFADIR-v49n2a2021-62851. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/62851>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

CZARNIAWSKA, B. The Uses of Narrative in Organization Research (GRI Report, No. 2000: 5). **Gothenburg University: Gothenburg Research Institute, School of Economics and Commercial Law**, v. 4, p. 18, 2000.

COSTA, C. L. Feminismos, pandemia e trabalho: Reflexões sobre o cotidiano de mulheres no Brasil em tempos de Covid-19. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 309- 324, 2021.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Penso Editora, 2021.

LEMONS, A. H. C.; BARBOSA, A. O.; MONZATO, P. P. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021.

LIMA, N. T; BUSS, P. M; PAES-SOUSA, R. A. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cadernos de Saúde Pública**, v.36, p. e00177020, 2020.

LIMA, M. P.; CARVALHO, D. A.; SOUZA, D. C. Mulheres proprietárias de pequenos negócios informais no maior Polo Comercial de Confecções do Agreste Pernambucano: O Moda Center de Santa Cruz do Capibaribe. **Boletim Econômico**. CAA/UFPE & CORECON-PE. Edição 10, 2021.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, v. 12, p. 493-502, 2007.

MARTINS, T. L. D.; SÁ, M. G.; SOUZA, D. C. As Diferenças Disposicionais na Relação entre o Público Lojista e a Administração de um Centro de Compras no Agreste Pernambucano. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, p. 1-14, 2020.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

NEVES, M. A.; PEDROSA, C. M. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**, v. 22, p. 11-34, 2007.

PEREIRA, T. C.; PRADO, T. S; LINKE, P. P. A diversidade da força de trabalho: a mulher e a exploração da força de trabalho no setor de moda. **Revista Unifamma**, v. 20, n. Edição Especial, 2021.

REZENDE, A. A.; MARCELINO, J. A.; MIYAJI, M. A reinvenção das vendas: as estratégias das empresas brasileiras para gerar receitas na pandemia de covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 6, p. 53-69, 2020.

SILVA, W. M.; MORAIS, L. A.; FRADE, C. M.; PESSOA, M. F. Digital marketing, E-commerce and pandemia: a bibliographic review on the brazilian panorama. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e45210515054, 2021.

SOUZA, D. C.; LIMA, M. P.; LIMA, C. A. S. Process of (Re)Organization of Productive and Reproductive Work of Women in Confection. **Journal of Contemporary Administration, RAC**, p. e220292, v. 27, n. 5, 2023.

SOUZA, D. C.; MARTINS, T. L. D.; PAIVA, R. D. S.; SA, M. G. Caracterização do público lojista de um centro de compras no agreste das confecções: tendências disposicionais e tensões administrativas. **Organizações & Sociedade**, v. 27, p. 182-198, 2020.

SOUZA, E. L. Calçadão de Confecções Miguel Arraes, Santa Cruz do Capibaribe-PE: formação e dinâmicas espaciais. 2022.

ZANELLO, V.; ANTLOGA, C.; PFEIFFER-FLORES, E.; RICHWIN, I. F. Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.